

TEM ERVA-MATE NA COLÔNIA?

MARISA SANDRA WIENKE-TAVARES¹; LETICIA PENNO DE SOUSA²
MARTHA FERRUGEM KAISER³; DIOVANA DA SILVA GUTERRES⁴; HENRIQUE
NOGUEZ CUNHA⁵; FLÁVIO SACCO DOS ANJOS⁶

¹Universidade Federal de Pelotas, sandra.wienke.tavares@gmail.com; ² Embrapa Clima Temperado, lepenno@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas, marthafkaiser@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pelotas, guterresdiovana@gmail.com; ⁵Universidade Federal de Pelotas, henriquencunha@gmail.com; ⁶Universidade Federal de Pelotas, flaviosa@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Os ecossistemas florestais, que cobriam amplas áreas nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ainda ocorrem em fragmentos na região sul do Brasil. Atualmente, a área de floresta natural cobre 15% do território gaúcho. Nestas ainda existem regiões cuja vegetação é muito pouco conhecida, como a Serra do Sudeste, que por ser o abrigo de um grande número de espécies endêmicas, é uma das principais áreas com vistas à conservação da flora regional (GUADAGNIN *et al.* 2000). Na região colonial dos municípios de Pelotas, Canguçu, São Lourenço do Sul e Arroio do Padre, em áreas de encosta da Serra do Sudeste, encontram-se grande parte dos remanescentes florestais devido a serem áreas íngremes e de difícil acesso (JARENKOW, 2003). Nesta zona a cobertura vegetal natural é classificada como área de Floresta Estacional Semidecidual (IBGE 1992). Entre sua composição encontra-se a espécie *Ilex paraguariensis* St. Hilare, popularmente conhecida por erva-mate.

Conforme Marques (2014), a utilização das folhas da erva-mate já era comum entre as populações indígenas que habitavam o Sul da América do Sul, bem antes da chegada dos espanhóis e portugueses. Esta planta, rica em cafeína e muitos outros princípios ativos medicinais, mais tarde foi aproveitada pelos imigrantes e acabou configurando um dos principais itens da economia regional durante cerca de cem anos. Atualmente, estima-se que a exploração da erva-mate abrange por volta de 700 mil hectares em 180 mil estabelecimentos rurais (IBRAMATE, 2018). Esta espécie é associada a localidades de maior altitude, entre 400 e 800 metros (GERHARDT, 2013) e entre 500 a 1500 metros (OLIVEIRA; ROTTÀ, 1985), mas a sua presença é confirmada por Jurinitz e Jarenkow (2003) e Gomes (2014) em altitudes variadas da Serra dos Tapes.

Este trabalho foi realizado em um dos remanescentes de floresta Estacional Semidecidual na encosta da Serra do Sudeste e faz parte de um projeto maior que tem, entre seus objetivos, compreender a importância histórica, as possibilidades de manejo e a distribuição geográfica da cultura da erva-mate na região da Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul, avaliando seu potencial no sentido de contribuir para o desenvolvimento rural sustentável e a conservação da agrobiodiversidade regional.

2. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa demandou uma metodologia plural. Utilizou-se da pesquisa qualitativa tendo por base o significado que as pessoas dão às coisas (GODOY, 1995), nesse caso a uma cultura (erva-mate) que até meados dos anos 1950 era explorada por várias famílias rurais. A técnica de pesquisa para coleta de informação foi a entrevista

semiestruturada a qual permite que o entrevistado tenha maior liberdade para discorrer sobre o tema proposto (MINAYO, 2002). Além disso, esta escolha procurou também adequar-se ao perfil cultural da maioria dos respondentes e à natureza do tema e do problema de pesquisa. A delimitação espacial da pesquisa reflete a área de distribuição das plantas de erva-mate na região da Serra dos Tapes, abrangendo zonas rurais, chamadas colônias, dos municípios de Pelotas, Canguçu, Arroio do Padre e São Lourenço do Sul. Para a realização das entrevistas partiu-se de uma lista de nomes de agricultores que possuem a planta nas suas propriedades ou estão interessados em colocar a erva-mate em suas matas. Trata-se, portanto, de uma amostragem intencional e não-probabilística (GIL, 2008) que incluiu ainda agentes institucionais, ervateiros e outros atores sociais. O interesse principal foi estabelecer um quadro mais amplo das potencialidades e possibilidades da exploração ervateira enquanto alternativa na geração de renda e trabalho para os agricultores familiares e como caminho para o desenvolvimento sustentável. Além do aspecto econômico, interessou saber qual o nível de conhecimento dos agricultores sobre a erva-mate e seu manejo. Para interpretação final dos resultados oriundos da metodologia qualitativa foi utilizada a técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Na abordagem ambiental (delimitação espacial) fez-se uso de dispositivos de medição e instrumentos manuais para registro e coleta de dados através do geoprocessamento. Procedeu-se ao caminhamento para o reconhecimento das matas ou lavouras onde haviam espécimes, para, posteriormente, realizar registro através de GPS.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente momento do projeto estão disponíveis apenas dados parciais, entretanto já foi possível constatar a distribuição das plantas de erva-mate dentro de uma ampla área que se estende pela Serra dos Tapes, nos municípios de Pelotas, Canguçu, Arroio do Padre e São Lourenço do Sul Figura 1.

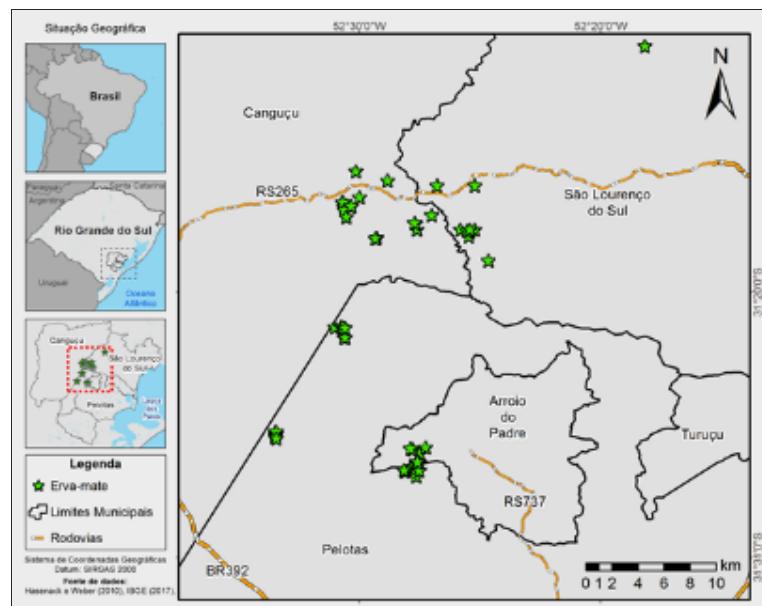


Figura 1 – Distribuição das plantas de erva-mate na região estudada da Serra dos Tapes, RS.

Fonte: HASENACK, WEBER (2010); IBGE (2017). Elaboração Henrique Cunha, 2019.

De acordo com Chechi (2016), a erva-mate é uma espécie autóctone que se distribui pelo Brasil, Paraguai e Argentina. Entretanto, mais de 80% do total situa-se no bioma brasileiro Mata Atlântica. Conforme dados da Embrapa Florestas (BRASIL,2018), a região de ocorrência natural da erva-mate se situa entre as latitudes 22º S e 30º S e longitudes 48º 30' W e 56º 10' W. Na área do presente estudo a dispersão está em torno da latitude 31º S e longitude 52º W. Vale frisar que a espécie foi encontrada em altitudes compreendidas entre 216 e 395 metros. Constatou-se ainda que a distribuição da erva-mate é ampla pela Serra dos Tapes, fato sobre o qual não há registro na literatura, face a escassez de estudo específico da espécie nesta região. Alguns depoimentos colhidos indicam que a quantidade de plantas era muito maior no passado:

Lá em 75, 76, algumas dessas plantas de lavoura a gente cortava pra vender pras ervateira da serra. Como a maioria dos agricultores ali da volta fazia. Era uma planta que tava no meio da lavoura, era uma planta de esturvo, né. E tinha muita erva-mate na região (sic) (N.S., Pelotas).

Esta abundância foi explorada economicamente nas zonas de colônia na Serra dos Tapes, tanto com o extrativismo e venda dos ramos quanto pela confecção de erva-mate artesanal: “Se fazia bastante né, antigamente, 40, 45 ano, a árvore tá pronta, madura, todo ano eu fiz. Meus pais fazia e vendia né, quando tinha sobrando, mais o menos uns 150 kg por ai” (sic) (W.S.). O desmatamento é uma das causas da redução das áreas: “Foi se derubando, derubando dia e noite, sempre pra te terra pra plantá. Precisava pro fumo, né...veio o fumo, depois o soja... deu muito dinheiro” (sic) (A. S.).

Socialmente, pela memória cultural existente na colônia e pela quantidade de plantas existentes por toda região, parece existir a possibilidade de inclusão da cultura ervateira na matriz econômica de Canguçu. Entretanto, é algo que demanda envolvimento público, assistência técnica, principalmente na questão ambiental, além de recursos e do interesse de empresas ervateiras.

Ambientalmente é urgente o fortalecimento de iniciativas que resgatem o uso racional e sustentável dos recursos naturais. As manchas de floresta, ao longo da Mata Atlântica, conformam os corredores de biodiversidade que mantêm e restauram a conectividade dos ecossistemas, protegendo e intensificando os serviços que eles prestam. A exploração da erva-mate nativa “pode ser considerada como importante estímulo para a conservação ambiental, pois sua ocorrência no sub-bosque da floresta e seu significativo valor econômico conferem valor monetário à floresta *em pé*” (MARQUES, 2014, p. 33).

4. CONCLUSÕES

Trata-se aqui de uma pesquisa em andamento. Os dados ainda estão sendo levantados. Ainda assim, a informação reunida até o momento mostra a dispersão da planta erva-mate nos remanescentes da Floresta Estacional Semidecidual da Serra dos Tapes, nos municípios de Canguçu, Pelotas, Arroio do Padre e São Lourenço do Sul. Estas informações podem fornecer subsídios para o planejamento de ações de conservação e manejo da espécie em uma região bastante alterada pela ação antrópica, além de apresentar-se como uma possibilidade de diversificação produtiva local e consequentemente como um fator de desenvolvimento rural sustentável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p.
- BRASIL. 2018. Serviço Florestal Brasileiro (SFB) Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Acessado em 02 março de 2019. Online. Disponível em <http://www.florestal.gov.br/resultados/135-inventario-florestal-nacional-ifn/resultados-ifn/1477-resultados-ifn-rs>.
- CHECHI, L. A.; SCHULTZ, G. A produção de erva mate: um estudo da dinâmica produtiva nos Estados do Sul do Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, v.13, n. 23, 2016.
- GERHARDT, Marcos. **História Ambiental da erva-mate.** 2013. 290 f. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6^a ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v.35 n 2, Mar./ Abr. 1995, p 57-63.
- GOMES, G. C. 2014. **As árvores nativas e o saber local como contribuição à sustentabilidade de agroecossistemas familiares na Serra dos Tapes, RS.** 352 p..il. Tese Doutorado, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
- GUADAGNIN, D. L., LAROCCA, J. & SOBRAL, M. Flora vascular de interesse para a conservação da bacia do arroio João Dias: avaliação ecológica rápida. In: RONCHI, L.R. & LOBATO, A.O.C. (orgs.). **Minas do Camaquã: um estudo multidisciplinar.** Unisinos, São Leopoldo, 2000, p.71-84.
- HASENACK, H.; WEBER, E. (org.) **Base cartográfica vetorial continua do Rio Grande do Sul – escala 1:50.000.** Porto Alegre: UFRGS/Centro de Ecologia.2010.1 DVD-ROM (Série Geoprocessamento, 3).
- IBGE. **Mapeamento topográfico.** 2017. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias>. Acesso em: 19/5/2019.
- IBRAMATE - INSTITUTO BRASILEIRO DO MATE. Diagnóstico da Cadeia Produtiva da Erva-mate no Estado do Rio Grande do Sul. Ano I, nº.01/2018. <http://ibramate.com.br/>. Acesso em: 20 set. 2018.
- IBGE. Manual técnico da vegetação Brasileira. Série manuais técnicos em geociências. nº 1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, RJ. 92p.
- JURINITZ, C.F. & JARENKOW, J.A. Estrutura do componente arbóreo de uma floresta estacional na Serra do Sudeste, Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Brasileira de Botânica. 2003. 26: 475-487.
- MARQUES, A. C. **As paisagens do mate e a conservação socioambiental: um estudo junto aos agricultores familiares do planalto norte catarinense.** UFPR, 2014. 434 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80p.
- OLIVEIRA, Y. M. M.; ROTTA, E. Área de Distribuição natural da Erva-mate. In: SEMINÁRIO SOBRE ATUALIDADES E PERSPECTIVAS FLORESTAIS, 10., 1983, Curitiba. Anais... Curitiba: EMBRAPA/CNPFlorestas, p.17-36., 1985.